

## ANÍSIO TEIXEIRA E A UNIVERSIDADE DE EDUCAÇÃO

*Anisio Teixeira and the university of education*

MENDONÇA, Ana Waleska. **Anísio Teixeira e a universidade de educação**.  
Rio de Janeiro: EDUREJ, 2002.

### Névio de Campos

Adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR - Brasil, e-mail:  
nmestrado@ig.com.br

---

A obra **Anísio Teixeira e a Universidade de Educação**, de Ana Waleska Mendonça é resultado da pesquisa de seu doutoramento intitulada *Universidade e formação de professores: uma perspectiva integradora. A universidade de Educação de Anísio Teixeira*, defendida em 1993, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No livro ela analisa o projeto formativo da Universidade do Distrito Federal (UDF), cujo mentor principal foi Anísio Teixeira, estabelecendo uma interlocução entre os projetos da Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, da Universidade do Distrito Federal, fundada em 1935 e da Universidade do Brasil (UB), criada em 1937, com destaque às diferenças entre as duas últimas.

A problemática central consiste em discutir o lugar da formação de professores e da pesquisa no projeto universitário coordenado por Anísio Teixeira. Neste sentido, consideramos fundamental a contribuição deste livro, pois traz à cena acadêmica e intelectual o problema da missão do ensino superior, particularmente ao debater a relação entre pesquisa e formação de professor. É uma obra do início dos anos de 1990, revisitada nos anos de 2000 para publicação em forma de livro, mas que poderá indicar direções neste momento de reflexão sobre o papel das licenciaturas na universidade brasileira.

A autora afirma que o problema da formação de professores para o ensino básico foi a motivação inicial para a realização desta investigação. Para ela

era perceptível “a descaracterização e desvalorização social da educação em geral, e em especial do magistério, acentuadas fortemente nos últimos vinte anos, com a degradação do sistema público de ensino” (p. 15). No entendimento da historiadora, as políticas públicas para o ensino superior não foram capazes de eleger a formação do professor como atribuição fundamental da universidade brasileira. Ao contrário, as licenciaturas ganharam um status secundário no processo de constituição do ensino superior no Brasil.

A rigor, ela identifica a desvalorização dos cursos de licenciaturas frente aos cursos de bacharelados, o isolamento e desprestígio das unidades de educação, responsáveis pela formação pedagógica de novos docentes, e certa incompatibilidade entre o modelo de organização universitária e o projeto de formação de professores, o que culminou na criação de inúmeras faculdades de educação/pedagogia/filosofia com o objetivo de preparar professores. Este movimento representou a derrota do projeto universitário e a predominância de faculdades isoladas, contribuindo para o distanciamento entre pesquisa e ensino, ou entre estudos desinteressados e estudos interessados.

Pelo exposto, a autora sustenta como hipótese que “quanto maior é o envolvimento da universidade com pesquisa e pós-graduação, mais nítida é a hierarquia de prestígio das atividades acadêmicas – na qual a docência ocupa o escalão mais baixo – e menor o interesse institucional por cursos de licenciatura” (p. 18). Diante disso, pergunta-se: Como valorizar a formação de professores em um país onde a vontade política não se compromete, de fato, com questões básicas de educação e onde o magistério – dadas as péssimas condições de trabalho e remuneração – se transformou em atividade de caráter marginal ou provisório, em contingência mais do que opção?

Por outro lado, assevera Mendonça que estas condições são oriundas do próprio encastelamento da universidade e de perda de sua função de reflexão, inerente ao seu sentido de existir. Nesses termos, sugere que a universidade precisa rediscutir o seu papel à luz dos novos contextos. É a partir destes questionamentos que a autora mergulha na história da educação brasileira, particularmente na história do ensino superior para dialogar com os diferentes projetos universitários e discutir o lugar da formação de professores.

Deste modo, destacamos que uma das contribuições desta obra consiste na discussão sobre ensino superior e formação de professores. A narrativa da autora sustenta que o projeto da UDF postulava uma educação progressista, em contraposição ao projeto conservador da UB. A primeira enfatizava a importância de formar professores e promover a pesquisa científica, porém, conforme Mendonça, ela acabou dedicando-se primordialmente à formação de professores. Isso ocorreu, segundo o estudo desta pesquisadora, devido às restrições impostas pelo governo federal.

A formação de professores ganhou um significado fundamental na obra de Anísio Teixeira, pois acabou incorporando os Institutos de Educação e transformando-os em Escola de Educação, cujos papéis seriam a formação do magistério para todos os graus de ensino e a criação de um centro de documentação e pesquisa para a constituição de uma cultura pedagógica nacional.

A UB representou a descontinuidade do projeto iniciado pelo educador baiano. A rigor, as fontes desta instituição estão no Estatuto das Universidades Brasileiras, de 1931, de autoria de Francisco Campos, então Ministro da Educação e Saúde, bem como na doutrina do Estado Novo e na tradição católica. O projeto da UB, organizado pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema, visava implementar a cidade universitária e criar a Faculdade Nacional de Filosofia. Neste projeto várias escolas, particularmente a Escola de Educação, deixaram de ser incorporadas, criando-se as Seções de Pedagogia e Didática, o que caracterizaria uma das principais diferenças entre os dois projetos universitários.

A proposta predominante da Faculdade Nacional de Filosofia, criada em 1939, inscrevia-se, de acordo com a autora, em “formar trabalhadores intelectuais que preenchessem os quadros técnicos da burocracia estatal nas áreas de educação e cultura e, particularmente, professores para o ensino secundário” (p. 155). Nestes termos, a pesquisa científica, primordial a UDF, teve um *status* secundário no projeto da UB. Ademais, a formação de professores para as primeiras letras não foi mencionada nos documentos desta instituição.

O livro revela que o projeto de Anísio Teixeira propunha a pesquisa científica e a formação de professores para todos os graus de ensino como papéis fundamentais do ensino universitário, entendendo-os como ações indissociáveis. Por outro lado, a proposta de Capanema inscrevia-se em uma visão dicotomizada entre ensino e pesquisa, ao enfatizar que a universidade era o *locus* de preparação de professores para o magistério no ensino secundário.

A obra indica que os projetos de Anísio Teixeira e de Gustavo Capanema visavam à constituição de uma cultura autônoma no país e a universidade cumpria um papel significativo neste processo, qual seja o de desenvolver a cultura brasileira. Não obstante, estes projetos divergiam nas estratégias que conduziriam este processo. Se para Anísio Teixeira, a ciência e a democracia deveriam nortear o projeto universitário, para Gustavo Capanema a tradição era o elemento essencial.

Outra contribuição deste livro diz respeito ao modo de escrever a história. Com base em uma vastíssima pesquisa de fontes documentais e bibliográficas, a autora analisa o projeto universitário que foi coordenado por Anísio Teixeira no Distrito Federal. A pesquisadora indica que os documentos utilizados são oriundos fundamentalmente do Centro de Pesquisas e Documentação em História Contemporânea do Brasil (Cpdoc) e da Fundação Getúlio Vargas.

Esta obra inaugura em conjunto com outras pesquisas um modo de fazer história da educação que visa se contrapor à tradição historiográfica dos anos de 1970 e 1980 que estabeleceu uma interpretação depreciativa do movimento pela escola nova, particularmente de Anísio Teixeira, bem como pôr em cena a necessidade de mergulhar nas fontes e produzir outras interpretações históricas. Este novo modo de produzir história da educação representa outro modelo de estruturação da obra, excluindo o capítulo introdutório que comumente versava sobre os pressupostos teóricos e incluindo na escrita uma relação complexa entre texto-contexto. Além do mais, dialoga com as pesquisas produzidas na história da educação (historiografia), bem como com a teoria da história, estabelecendo uma crítica documental e historiográfica. A própria autora (p. 34) destaca que sua pesquisa orientou-se por três atitudes básicas: 1) dialogar permanentemente com o corpo documental a fim de ressaltar a teoria como hipótese; 2) mergulhar na documentação deixando que emergissem as categorias analíticas do processo de diálogo com as fontes; 3) entender os contextos a partir do próprio campo da educação.

Ao fazer este percurso analítico explicita um sentido peculiar de compreender a própria história, ou seja, de compreender o sentido do passado. Longe de promover um sentido pragmático da história – conhecer o passado para evitar erros semelhantes no presente – visa destacar o sentido de estudar a história apenas para conhecê-la, pois as lições do passado não servem para as ações do presente. Há um sentido no processo de conhecimento da própria história. A autora não busca respostas aos problemas do ensino superior brasileiro do século XXI nas formulações dos projetos universitários do século XX. Não obstante, analisa a proposição de Anísio Teixeira para evidenciar que no passado existiram diferentes projetos universitários, ou melhor, projetos antagônicos, porém, não houve espaços para todos, o que resultou na vitória da proposta do Ministro Gustavo Capanema em na derrota da proposição da UDF.

Recebido: 26/05/2008

*Received:* 05/26/2008

Aprovado: 12/06/2008

*Approved:* 06/12/2008